

**A DIPLOMACIA CULTURAL DE PASCHOAL CARLOS MAGNO: SEU ARQUIVO
PESSOAL E AS ESTRATEGIAS DE PROPAGANDA BRASILEIRA NA GRÃ BRETANHA
(1933-1945)**

**PASCHOAL CARLOS MAGNO'S CULTURAL DIPLOMACY: HIS PERSONAL ARCHIVE
AND BRAZILIAN ADVERTISING STRATEGIES IN GREAT BRITAIN (1933-1945)**

Caroline Cantanhede Lopes¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar o arquivo de Paschoal Carlos Magno (1906-1980) como uma relevante fonte para pesquisas situadas no que se convencionou chamar de Era Vargas. Pretendemos lançar luz sobre suas atividades diplomáticas na Inglaterra, durante o período de 1933 a 1946. Muitos documentos presentes em seu fundo, custodiado no Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Nacional de Artes, registram iniciativas de propaganda da cultura e de valores então considerados verdadeiramente brasileiros. Muitas delas, contavam com o apoio formal do Ministério das Relações Exteriores (MRE) ou do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), seja dando o devido suporte institucional ou fornecendo material de divulgação sobre arte, cultura e hábitos devidamente selecionados como “exportáveis”. Através de palestras, excursões, recepções animadas com música brasileira, Paschoal atuou ativamente na construção de uma imagem do Brasil na Inglaterra, segundo preceitos caros ao regime de Getúlio Vargas: de que nascia, sob sua égide, uma nova civilização. Moderna e urbana, originária da síntese de suas tradições. A partir de cartas e outros documentos, pretendemos trazer à luz algumas das estratégias adotadas por Paschoal Carlo Magno que, mesmo sem uma ação oficial mais sistemática e organizada, possibilitou o estabelecimento de uma diplomacia cultural entre Brasil e Inglaterra, pelo menos durante os anos em que esteve em solo britânico. Para tanto, destacamos algumas delas, como suas palestras sobre o país a pedido do *Ministry of Information*, a organização da Brazilian Week, suas ligações com diversas revistas literárias e de arte britânicas – que resultaram em, pelo menos, duas edições especiais sobre o Brasil –, e o lançamento de suas obras literárias escritas diretamente em língua inglesa. Dessa forma, pretendemos contribuir para apresentar novas possibilidades de análise para os estudos voltados para a política internacional brasileira e sua vertente cultural durante o regime de Getúlio Vargas.

Palavras-chave: Diplomacia cultural Brasil e Inglaterra. Arquivo pessoal de Paschoal Carlos Magno. Governo Getúlio Vargas.

Abstract: This article intends to present Paschoal Carlos Magno's archive as a relevant source for research about “Era Vargas”. We intend to shed light on its diplomatic activities in England, during the period from 1933 to 1946. Many documents present in its fund, kept in the Center for Documentation and Research of the National Arts Foundation, register initiatives of propaganda of the culture and values then considered Brazilian. Many of them had the formal support of the Ministry of Foreign Affairs (MRE) or the Department of Press and Propaganda (DIP), either by giving proper institutional support or by providing promotional material on art, culture and habits duly selected as “exportable”. Through lectures, excursions, animated receptions with Brazilian music, Paschoal actively participated in the construction of an image of Brazil in England, according to precepts dear to the regime of Getúlio Vargas:

¹ Documentalista do Cedoc/FUnarte e dra em História Social pela Unirio. E-mail: caroline.cantanhede@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9289-4651>

from which, under his aegis, a new civilization was born. Modern and urban, originating from the synthesis of its traditions. Based on letters and other documents, we intend to bring to light some of the strategies adopted by Paschoal Carlo Magno that, even without a more systematic and organized official action, made it possible to establish a cultural diplomacy between Brazil and England, during the years in which who was on British soil. We choosed some of them, such as his lectures on the country at the request of the Ministry of Information, the organization of Brazilian Week, his links with several British literary and art magazines - which resulted in at least two special editions about Brazil -, and the launch of his literary works, written directly in English. In this way, we intend to contribute to present new possibilities of analysis for studies focused on Brazilian international politics and its cultural aspect during the Getúlio Vargas regime.

Keywords: Brazil and England cultural diplomacy. Paschoal Carlos Magno's personal archive. Getúlio Vargas government.

A trajetória de Paschoal Carlos Magno (1906-1980) foi marcada pela multiplicidade de funções: foi poeta, dramaturgo, animador cultural, diplomata, político, jornalista, crítico teatral. Muitas vezes, essas suas atividades se sobrepunham ou se articulavam, sempre transversalizadas pelo propósito de “elevação cultural da nação”, segundo o ideário da época. Dentre suas contribuições para a cultura brasileira, destacamos a criação da Casa do Estudante do Brasil (1929), do grupo Teatro do Estudante do Brasil (1938), do Teatro Duse (1952), da Aldeia de Arcozelo (1965), no interior do estado do Rio de Janeiro, além de ter promovido iniciativas como a Caravana da Cultura (1964) e a Barca da Cultura (1974).

Esses são apenas alguns exemplos de seus 74 anos de intensa atividade e que estão registrados em seu vasto arquivo pessoal, atualmente sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa (Cedoc) da Fundação Nacional de Artes/Funarte. O fundo de Paschoal Carlos Magno – ou PCM, conforme sua assinatura – também nos revela uma intensa diplomacia cultural desempenhada pelo titular durante os anos 1933 a 1946, quando ocupou diferentes postos no corpo diplomático brasileiro na Inglaterra. Tema este ainda pouco explorado tanto pelas pesquisas que se dedicam em analisar a obra de Paschoal, quanto pelos estudos mais recentes voltados à diplomacia cultural brasileira.

Nosso intuito consiste em apresentar um conjunto de documentos que nos reportam algumas estratégias de divulgação e de propaganda do Brasil durante os anos denominados por nossa historiografia como Era Vargas (1930-1945). O corpus

documental utilizado, formado por uma grande quantidade de cartas, desvela alguns indícios sobre a imagem do Brasil que se desejava difundir, bem como os esforços empreendidos pelo diplomata, com o suporte do governo, para que o país ocupasse um lugar de destaque dentro da nova ordem mundial que se anunciava, segundo os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial então em curso.

Um intelectual a serviço da diplomacia cultural brasileira

Paschoal Carlos Magno nasceu em 1906, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de imigrantes italianos, o alfaiate Nicolau Carlos Magno e Filomena Campanella, demonstrou, desde a infância, grande interesse pelas artes. Incentivado pelo pai, escrevia versos, poesias, peças. Ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais em 1925, formando-se em 1929. Durante esse período, ainda bem jovem, Paschoal fez parte de círculos literários e teatrais: publicou o livro de poesias *Chagas de Sol* (1925); o romance *Drama da alma e sangue* (1926), pelo qual recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras (ABL); integrou como ator o grupo Caverna Mágica, de Renato Viana, (1928) e assumiu o posto de crítico teatral em *O Jornal* (1928).

Em seu último ano da faculdade, colaborou com Ana Amélia de Mendonça para a fundação da Casa do Estudante do Brasil (CEB), também situada no Rio de Janeiro. Para tanto, percorreu a região norte e nordeste do país em uma grande campanha de divulgação em prol da CEB. Organizou feiras de livros e conferências sobre o propósito de se criar uma entidade dedicada ao conagraçamento dos estudantes brasileiros, o que não existia até aquele momento.

Promoveu evento denominado Exposição dos Cinco, em 1930, responsável por lançar cinco jovens pintores: Cândida Cerqueira, Odelli Castelo Branco, Ruy Campello, Luiz Abreu e Edson Motta. Algumas recepções integraram a programação, as quais contaram com presenças consideradas ilustres, como as da cantora lírica Bidu Sayão e da então primeira dama Sra. Darcy Vargas. Nesse mesmo ano, sua peça *Pierrot* recebeu o prêmio de Teatro da Academia Brasileira de Letras, sendo encenada pela Companhia

Jayme Costa em 1931, no Teatro João Caetano. Segundo a imprensa, o espetáculo obteve grande sucesso na época. Dentre seus espectadores figurou, inclusive, Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório instaurado em 1930.

Com essa breve relação de suas atividades até a década de 1930, desejamos evidenciar que Paschoal Carlo Magno, embora com menos de 30 anos de idade, já havia estabelecido inúmeras redes de sociabilidade (SIRINELLI, 2003). Através delas, se movimentava e construía um circuito de ideias, afetividades e projetos. De modo que podemos afirmar que, quando seu nome foi indicado pelo ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Mello Franco, para auxiliar do Consulado de Manchester, na Inglaterra, em 1933, Paschoal já era reconhecido enquanto um intelectual.

Em carta de despedida a Paschoal, já de partida para a Inglaterra, Mello Franco expressa satisfação em ter autorizado a sua contratação, ao mesmo tempo que expõe as razões que embasaram sua indicação: “Confio em suas qualidades de inteligência e de caráter, em seu devotamento à nossa terra e em seu amor ao trabalho, e espero que, com seus atributos pessoais, fará próspera carreira e servirá dignamente o Brasil no exterior”².

O ministro se referia justamente à capacidade laboriosa de Paschoal em colocar em prática inúmeros projetos, resultados de sua aptidão artística e de sua habilidade em se articular com diversos grupos, dos quais enumeramos alguns deles aqui. Decerto que os valores e ideais difundidos nessas iniciativas iam ao encontro das expectativas de Afrânio de Mello Franco a serem considerados como credenciais favoráveis ao cargo ocupado pelo jovem poeta, conforme registrou com suas próprias palavras.

Nessa mesma missiva, Mello e Franco aborda a reforma implementada por ele no Ministério das Relações Exteriores (MRE), em 1931, que criava a possibilidade de ingresso na carreira diplomática para os ocupantes do cargo para o qual Magno havia sido contratado: “Assim, espero que o Senhor virá abrir-se em seu favor uma carreira de

² Carta de Afrânio de Mello Franco para Paschoal Carlos Magno. Rio de Janeiro, 30/6/1933. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

que ora vai ocupar o posto inicial”³. Até esta data, o serviço brasileiro no exterior se subdividia em: Secretaria de Estado, Serviço Consular e Serviço Diplomático. Cada qual com o seu corpo de oficiais, o que implicava em uma falta de integração entre os membros, a ausência de coordenação das atividades no exterior e uma formação profissional compartimentada (CHEIBUB, 1985).

Em consonância com o momento de profunda reorganização e readequação do aparato estatal implementada pelo regime de Getúlio Vargas a partir de 1930, o Itamaraty também passava por transformações em busca de maior racionalidade. A reforma promovida por Afrânio de Mello Franco suprimiu o quadro referente à Secretaria de Estado, integrando-o aos outros dois. Ela também instituiu uma Comissão de Promoções e Remoções, com o propósito de incorporar o mérito como requisito das promoções e, assim, tornar a carreira mais inclusiva, ou seja, menos aristocrática. A fusão entre o Serviço Consular e o Serviço Diplomático ocorreu em 1938, sob o comando do chanceler Oswaldo Aranha (CHEIBUB, 1985).

Em resposta à carta enviada em 1934 por Paschoal Carlos Magno, que já havia sido removido de Manchester para Londres, Mello e Franco garante que sua renúncia ao posto de ministro não causará nenhum prejuízo às pretensões do auxiliar de consulado de ingressar na carreira diplomática, ainda separada da consular e explica o porquê:

A reforma introduzida por mim nos serviços do Ministério suprime a praga do favoritismo e abre horizontes ao verdadeiro mérito. Quando cessarem os motivos de emergência, que ainda obstam a sua integral execução, o posto inicial – cônsul de 3ª classe – será provido por concurso. E desse modo, quando lhe não fosse concedida agora a nomeação pela preferência dada aos auxiliares de consulado, - o senhor a conquistaria mais tarde pelo concurso⁴.

³ Idem.

⁴ Carta de Afrânio de Mello Franco para Paschoal Carlos Magno. Rio de Janeiro, 9/2/1934. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Sem citar quais seriam as emergências mencionadas, o que nos leva a inferir em algumas possibilidades, como a instabilidade então vivenciada pelo Governo Provisório, cuja legalidade era questionada através da eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932. Diante desse contexto, de apaziguamento de pressões internas, acreditamos que, provavelmente, a política externa e a modernização do Itamaraty não ocupavam as primeiras posições dentre as prioridades do governo.

Em todo caso, estava em curso a regulamentação para ocupação destes postos e a adequação ao novo modelo previa a incorporação de funcionários que, de certa forma, já faziam parte do seu *staff*. Além dessa reforma administrativa, foi criado, em 1934, o Serviço de Expansão Intelectual no Ministério das Relações Exteriores, com o objetivo de realizar propaganda do Brasil no exterior, sem um caráter ostensivo (Dumont; Fléchet, 2014).

Tais mudanças internas deram contorno às ações já desempenhadas pelo corpo diplomático brasileiro no âmbito cultural, desde a independência do país. Esse conjunto de práticas e de projetos, compreendido pelos estudos mais recentes como a diplomacia cultural brasileira, “se consolidou no período posterior à Primeira Guerra Mundial e experimentou diversos desdobramentos ao longo do século XX, fazendo do país um pioneiro e colocando-o à frente das demais nações do continente latino-americano (Dumont; Fléchet, 2014: 204). Até a década de 1990, a questão cultural era considerada apenas como elemento de análise secundária pelas principais teorias existentes na disciplina Relações Internacionais, as quais priorizavam fatores político, econômico e tecnológico. Desde então, o fator cultural se firmou efetivamente como uma ferramenta analítica fundamental para a compreensão das relações transnacionais (Suppo, 2012). Essa é a nossa perspectiva ao trazermos o papel desempenhado por Paschoal Carlos Magno durante suas missões diplomáticas na Inglaterra.

Fotografia 1: Paschoal Carlos Magno à direita, de blaser escuro e calças claras, com pessoas não identificadas ao lado, na Picadilly Street, Londres, [193-].



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Fotografia 2: Paschoal Carlos Magno no centro, entre duas pessoas não identificadas, no British Museum, Londres, [193-].



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Ciente das possibilidades de ingresso na carreira diplomática que a reforma de Afrânio de Mello Franco lhe proporcionou, Paschoal articulou-se para efetivar sua nomeação ao cargo desejado. Em seu arquivo encontramos algumas cartas que registram sua intenção, dentre elas uma minuta que talvez tenha sido endereçada ao presidente Getúlio Vargas, em 1936. Além do conteúdo datilografado, ou seja, do pedido em si, há observações manuscritas pelo autor: “Tenho que escrever à máquina? Tem que ser manuscrito? Boto em cima ‘Particular’? ‘Pessoal’? Precisa de + adjetivo?”.⁵ Elas nos sinalizam um segundo interlocutor não identificado a quem foi solicitada uma revisão do documento, talvez até mesmo algum intermediário que estivesse endossando o seu pleito.

Sua nomeação para o cargo de cônsul de 3ª classe foi assinada em 9 de julho de 1937 pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro das Relações Exteriores Mario de Pimentel Brandão⁶. Meses antes, no início daquele ano, verificamos em seu conjunto documental uma intensa troca de cartas entre Paschoal e membros de universidades britânicas, como University of Birmingham, University of Oxford e University of Bristol.

Os missivistas mencionam que receberam circulares do Brasil a respeito do interesse e predisposição de Paschoal Carlo Magno em proferir palestras sobre seu país. Um deles explicita que recebeu uma carta de Mrs. Carneiro de Mendonça com tal informação, o que nos leva a inferir que tal “comunicado” possa ter partido de um acordo entre o auxiliar de consulado e sua amiga Ana Amélia de Mendonça, com quem já havia obtido o êxito da fundação da CEB.

De fato, consta em seu fundo o cartaz de divulgação de palestra em Oxford, nos indicando que o desejo de Paschoal se concretizou. Nela, seria transmitida, em inglês, uma mensagem do Brasil para a juventude daquela universidade. Por outro lado, já havia em curso um esforço do governo em realizar propaganda brasileira naquele país,

⁵ Minuta de carta de Paschoal Carlos Magno para Getúlio Vargas. [1936]. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

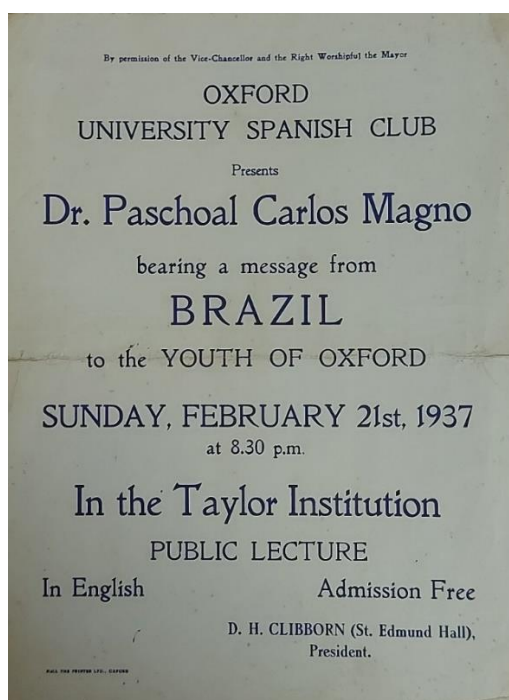
⁶ Nomeação de Paschoal Carlo Magno para o cargo de cônsul de 3ª classe, assinada pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro das Relações Exteriores Mario de Pimentel Brandão. Rio de Janeiro, 9/7/1937. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

conforme podemos constatar através do ofício do Departamento de Propaganda, de 17 de janeiro de 1936, subscrito por Lourival Fontes, seu diretor geral, e por Ilka Labarthe, responsável pela Seção de Rádio, para Paschoal Carlos Magno, então auxiliar do Consulado do Brasil em Londres.

Nele, há uma recomendação para divulgação de uma programação oficial de rádio dedicada a esse fim, irradiado em língua estrangeira segundo uma escala semanal (exceto aos domingos): segunda-feira em inglês, terça-feira em esperanto, quarta-feira em alemão, quinta-feira em italiano, sexta-feira em espanhol e sábado em francês.

Trata-se de obra exclusivamente dedicada à propaganda do Brasil, tornando conhecida no estrangeiro, não só as ocorrências mais notáveis nele registradas, mas também as suas possibilidades econômicas e turísticas, bem como fatos de sua vida social e cultural. Toda publicidade que conseguirdes para o nosso programa de radiodifusão, quanto ao seu conteúdo, hora de recepção, etc, - será naturalmente mais uma prova do patriotismo com que servis o nosso país, nesse setor tão importante da divulgação do seu conhecimento no exterior.

Fotografia 3: Cartaz de divulgação da palestra de Paschoal Carlos Magno da University of Oxford.



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Foi nesse espírito – de propaganda do Brasil – que acreditamos que tais palestras foram concebidas por Paschoal, que já trazia consigo experiência em excursões de divulgação de projetos, bem como compartilhava com muitos dos ideais que vinham sendo disseminados desde a vitória – ainda que não unânime – da Revolução de 1930: de que era preciso fundar uma nova nação calcada por um sentido de brasilidade unívoco e genuíno, que alcançaria a sua maturidade ideológica a partir da instauração do Estado Novo, que ora se avizinhava. Nesse aspecto, o intelectual Paschoal Carlos Magno e futuro diplomata, foi bastante competente na articulação de suas redes, ao mesmo tempo em que determinadas sensibilidades, ou “microclimas”, eram favoráveis aos seus anseios e projetos culturais (GOMES, 1999). Assim, consideramos que sua contratação, em 1933, e posterior nomeação, em 1937, no Ministério das Relações Exteriores, se relacionam diretamente com esse contexto de organização de estratégias de divulgação do Brasil no Reino Unido, como parte do programa que vinha sendo implementado pelo Itamaraty, no sentido de realizar propaganda do país no exterior.

A adesão do Brasil à Segunda Guerra Mundial e a construção de uma cooperação internacional com a Grã Bretanha

Após ter obtido sua nomeação, em 1937, Paschoal foi designado para o Serviço de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores, criado naquele mesmo ano “com a finalidade de estabelecer relações de intercâmbio intelectual e cultural com outros países, visando, em última instância, a promoção da imagem do Brasil no estrangeiro” (FERREIRA, 2006, 104). Transformado em Divisão de Cooperação Intelectual (DCI) em 1938, o setor carecia de recursos adequados para o cumprimento da missão que lhe fora destinada (FERREIRA, 2006).

Tais mudanças foram resultado da instauração do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, período em que um regime político autoritário, sob o comando de Getúlio Vargas, imprimiu profundas mudanças no aparato administrativo de Estado.

Para legitimar tantas modificações, foi determinante a construção de um projeto político-ideológico coeso e capaz de sustentar a ideia de emergência de uma nova nação, para o qual colaboraram inúmeros intelectuais de grande relevância naquele período. “A questão da cultura passa a ser concebida em termos de *organização* política, ou seja, o Estado cria aparatos culturais próprios, destinados a produzir e a difundir sua concepção de mundo para o conjunto da sociedade” (VELLOSO, 1982, p. 72).

O Departamento de Propaganda também fora reformulado, e, em 1939 passara a Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cuja Divisão de Divulgação abarcava atribuições na esfera internacional, como interdição de publicações que veiculassem conteúdo considerados prejudiciais ao país ou ao governo, promoção eventos sociais, culturais e artísticos e estimular cursos, conferências e exposições. A diplomacia cultural brasileira era praticada, dessa forma, como uma política híbrida entre a cooperação intelectual e a propaganda (Dumont; Fléchet, 2014).

Segundo Ferreira (2006), os termos “cooperação” e “propaganda” eram empregados, em muitos documentos da diplomacia cultural brasileira das décadas de 1930 e 1940, sem muita diferença de sentido. Contudo, embora atendam à necessidade de divulgação de aspectos sócio-culturais do país representado, eles se diferenciam, sobretudo, quanto as estratégias empregadas.

A cooperação – legítima representante da diplomacia cultural – está intimamente ligada ao programas artísticos, científicos e intelectuais, e aos objetivos de longo prazo das nações. Por isso ela prioriza canais de expressão capazes de refletir valores mais estáveis, como livros, exposições e intercâmbios. A propaganda, por sua vez, costuma ter menos compromisso com os interesses de Estado do que com os de governo, ou, no mínimo, visa alcançar metas mais de curto prazo e responder a premências de ordem conjuntural. Desse modo, [...] ela reflete essencialmente projetos políticos governamentais e se caracteriza por indisfarçada parcialidade (FERREIRA, 2006, p.32).

Tendo em vista os efeitos da propaganda nazista e os desdobramentos da Segunda Guerra, tanto a palavra quanto sua prática foram impregnados por uma acepção pejorativa (FERREIRA, 2006). Isto posto, Paschoal Carlos Magno retornou à Inglaterra em janeiro de 1940, com o conflito bélico em andamento. Já devidamente incorporado ao quadro único da carreira de diplomata do Itamaraty,⁷ após reforma de Oswaldo Aranha, foi removido da Secretaria de Estado para o Consulado do Brasil em Liverpool como vice-cônsul.⁸ Um ano mais tarde, em 31 de dezembro, foi designado como segundo secretário na Embaixada de Londres.⁹

Na capital inglesa, Paschoal circulava entre os mais variados meios artísticos (literários, teatrais). Dentre seus missivistas ilustres, destacamos a poetisa Edith Sitwell e a atriz Beatrix Lerhmann. Em 1941, conforme roteiros preservados em seu conjunto de documentos, Paschoal se ocupou, dentre outras atividades, com a transmissão de palestras sobre aspectos da vida na Inglaterra para seu país natal (especialmente aqueles referentes às dificuldades ocasionadas pela guerra), irradiadas através da British Broadcasting Corporation (BBC)¹⁰. A BBC dispunha de um serviço de informação em português e em espanhol, desde 1938, como estratégia de contraposição à propaganda realizada pela Alemanha junto à América Latina¹¹.

Todavia, a partir de 1942, identificamos um impulso nas trocas de cartas entre o diplomata e as mais diversas entidades britânicas (privadas e governamentais) sobre o

⁷ Confirmação de Paschoal Carlo Magno no cargo inicial da carreira de diplomata, do quadro único do ministério das Relações Exteriores, assinada pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 19/7/1939. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

⁸ Remoção de Paschoal Carlo Magno da Secretaria de Estado para exercer a função de vice-cônsul no Consulado de Liverpool, assinada pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 11/1/1940. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

⁹ Nomeação de Paschoal Carlo Magno como segundo secretário da Embaixada em Londres, assinada pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 31/12/1941. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

¹⁰ Textos de palestras de Paschoal Carlos Magno na BBC. 1941. Série Diplomata. Subsérie Inglaterra. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

¹¹ BBC. Como tensão pré-Segunda Guerra levou a BBC ao Brasil há 80 anos. 14/3/2018.

Brasil. A declaração de guerra ao Eixo (Alemanha e Itália) por parte do governo brasileiro, em 21 agosto de 1942, contribuiu diretamente para esse “despertar” dos súditos da rainha em relação às “coisas” relacionadas ao nosso país. Tão logo foi anunciada a entrada do Brasil nos conflitos da Segunda Guerra Mundial (1939-1946), Paschoal, que mais uma vez se colocava à disposição para tais demandas, foi procurado para suprir essa a falta de referências sobre suas sociedade e cultura. É o caso da carta enviada no dia 25 de agosto de 1942 pelo editor do Bulletin of International News, do The Royal Institute of International Affairs, em que solicita informações sobre o país, “especially at this moment when Brazil has taken the great step of declaring war against Germany”¹².

Paschoal também recebeu convite da Public Meetings Section, ligada ao Ministry of Information, para compartilhar seus conhecimentos sobre “Brazil” em novembro de 1942, em Enfield, cidade nas proximidades de Londres, a qual vinha recebendo representantes estrangeiros e do Império Britânico para uma série de palestras sobre seus respectivos países. O palestrante disporia de cerca 40 minutos para se apresentar, seguidos de perguntas da plateia para debate¹³.

O representante local do órgão em Enfield encaminhou para o diplomata seu agradecimento e seus elogios tanto para a explanação quanto por sua fluência no idioma inglês: “I feel sure that everyone in the room thoroughly enjoyed it and went away with a very good impression of your country”¹⁴. Nessa mesma carta, foi anexada listagem com as dúvidas discutidas durante o evento. Nela, é possível apreendermos que o interesse do público presente recaiu principalmente em questões de caráter socioeconômico e político, como a posição da mulher, o sistema educacional, o sistema

¹² Carta do editor do Bulletin of International News, The Royal Institute of International Affairs, para Paschoal Carlos Magno. [Londres], 25/8/1942. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

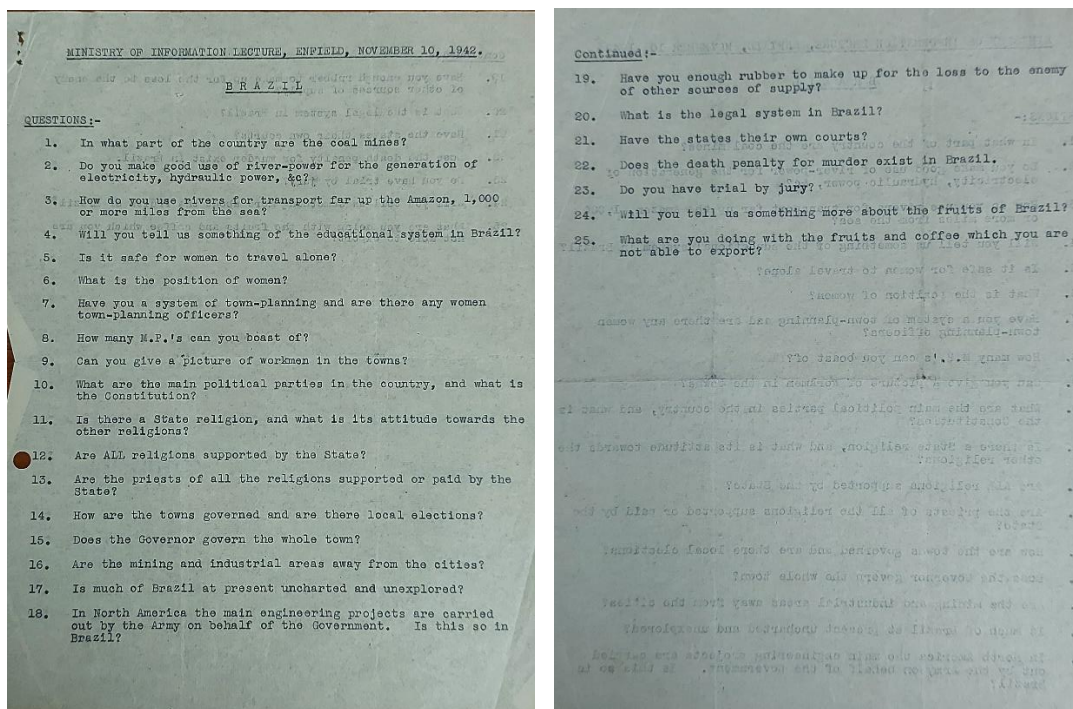
¹³ Carta da Public Meetings Section, Ministry of Information, para Paschoal Carlos Magno. [Londres] 19/9/1942. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

¹⁴ Carta da Public Meetings Section, Ministry of Information, Local Comitee, para Paschoal Carlos Magno. Enfield, 14/11/1942. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

político, o sistema jurídico, a produção de energia hidrelétrica, localização de minas de carvão, relação entre religião e o Estado.

A perspectiva britânica transpunha para o Brasil, as aflições próprias de seu tecido social. Ao mesmo tempo, percebemos que existia, de fato, um grande desconhecimento sobre o país, em um momento de grande esforço das políticas internas e externas para a afirmação nacional. Houve pois, um encontro de expectativas de ambos os lados, e Paschoal Carlos Magno desempenhou o papel de catalizador ao atendê-las por intermédio de seus projetos.

Fotografias 4 e 5: Anexo contendo perguntas realizadas a Paschoal Carlos Magno durante palestra em Enfield, em 10 de novembro de 1942.



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Ao longo dos anos de 1942 e de 1943, ele recebeu novos convites do Ministry of Information para palestrar em locais como unidades do Rotary Club. Até mesmo uma turnê de duas semanas pelas regiões de Devon e da Cornuália foi organizada após

tratativas com a Embaixada brasileira, entre 17 de fevereiro a 3 de março de 1943, e contou com a participação de Paschoal.

Outra iniciativa realizada em 1943 consistiu na criação da Anglo Brazilian Society, presidida pelo embaixador brasileiro José Joaquim Moniz de Aragão e da qual PCM era secretário honorário. Seus objetivos consistiam em promover relações próximas e amigáveis do Brasil com a Grã Bretanha; estimular boas relações entre o Brasil e outras nações amigas; promover o conhecimento sobre a cultura brasileira naquele país; e cooperar com todas sociedades do gênero¹⁵. Segundo missivas trocadas entre ele e seus correspondentes, verificamos sua ativa atuação na organização de evento denominado Brazilian Week, promovido pela International Youth Council, entre 12 a 19 de outubro, em nome da recém criada entidade.

Em carta enviada a Thomas Cook, membro do Parlamento e diretor da Anglo-Brazilian Society, Paschoal informa que as conferências ocorrerão por todo Reino Unido. Avisa que está organizando uma recepção de encerramento para todos os jovens delegados que vieram do exterior, em honra da Casa do Estudante do Brasil, e sugere mais duas palestras: “Brazilian International Policy”, por A. Camacho e “Brazilian Indians”, por Geoffrey Turner¹⁶.

Sua participação também se efetivou mediante contatos para ampliação do alcance da Brazilian Week. Paschoal solicitou, em carta para Francis Hallawell, que intercedesse em seu favor junto às autoridades da BBC para a divulgação do evento através de, pelo menos, quinze minutos diários dedicado à música brasileira¹⁷. No caso do Ministry of Information, escreveu, com o suporte do embaixador Muniz de Aragão, solicitando diretamente ao órgão ajuda para propaganda: “I am sure the Ministry of Information will give to this movement the same kind of support given in Brazil by our

¹⁵ Estatuto. Anglo-Brazilian Society. [1943]. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

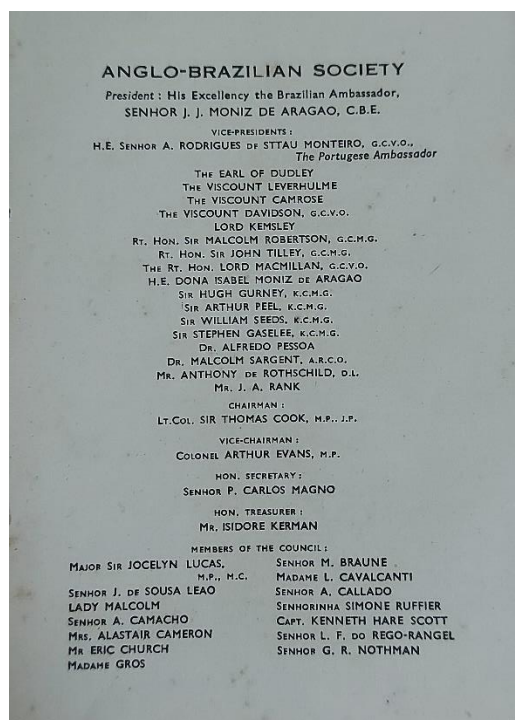
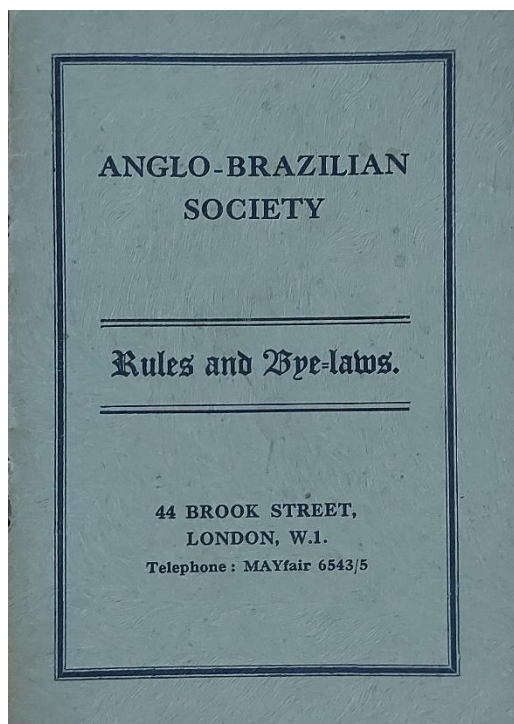
¹⁶ Cópia de carta de Paschoal Carlos Magno para Thomas Cook. Londres, 11/9/1943. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

¹⁷ Cópia de carta de Paschoal Carlos Magno para Francis Hallowell. Londres, 11/9/1943. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

“Departamento de Imprensa e Propaganda” to all movements in wich the representatives of great Britain are interested”¹⁸.

Ele colaborou, do mesmo modo, com o Brazilian Day, evento cultural dentro da Brazilian Week idealizado pela International Women’s Service Group, no qual se apresentaria o locutor e pianista brasileiro Manuel Antônio Braune, conhecido pelo apelido de Aymberê e responsável pela primeira transmissão em rádio da BBC em português, em 1938¹⁹. O embaixador e a embaixatriz brasileiros foram convidados e trouxeram uma mensagem da Sra. Darcy Vargas. Café e açúcar brasileiros puderam ser degustados, através de um oferecimento de Paschoal Carlos Magno, em nome da Embaixada do Brasil²⁰.

Fotografias 6 e 7: Estatuto da Anglo-Brazilian Society. [1943].



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

¹⁸ Cópia de carta de Paschoal Carlos Magno para funcionário não identificado do Ministry of Information. Londres, 11/9/1943. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

¹⁹ BBC. Como tensão pré-Segunda Guerra levou a BBC ao Brasil há 80 anos. 14/3/2018.

²⁰ Carta de Nancy Everill para International Women’s Service Group. [Londres] 30/9/1943. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Apoiado em um programa que combinava música, café com açúcar e pitadas de informações sobre indígenas e política externa, o Brasil vai apresentando suas credenciais na Grã Bretanha, reequilibrando uma dinâmica que se mostrada mais inclinada na divulgação desta última, sobretudo no que diz respeito à cobertura sobre a guerra. A mesma guerra que será responsável por acender os holofotes sobre a desconhecida nação sul-americana, que diante de tal “oportunidade”, institucionalizaria as ações de divulgação sobre a cultura e sociedade brasileiras, então promovidas por um de seus diplomatas, sob um formato oficial.

Porém, como todo intelectual, suas atividades não se restringiram à essa vertente de caráter eminentemente oficial. Mesmo que colocadas à serviço – e assim justificadas – do estreitamento dos interesses brasileiros no estrangeiro, Paschoal Carlos Magno trabalhou em outras frentes que acabaram por contribuir para a construção de uma diplomacia cultural entre Brasil e Reino Unido, como destacaremos a seguir.

Brasil para inglês ler: propaganda brasileira em revistas e nas obras *Sun over the palms* e *Tomorrow will be different*

Em decorrência de sua ampla circulação nos meios intelectuais britânicos, e chancelado por sua carreira diplomática, que certamente lhe conferia autoridade sobre assuntos relacionados à arte e cultura brasileiras e prestígio, Paschoal manteve intensa troca com diversas revistas especializadas no Reino Unido. Periódicos literários, de arte, de geografia se correspondiam com o diplomata em busca de informações, de indicações sobre possíveis colaboradores ou, até mesmo, solicitando que ele escrevesse pequenos textos.

Ao explorar seu arquivo, em uma primeira investigação dessas estratégias de divulgação cultural, conseguimos identificar, através do fluxo epistolar existente e do registro na imprensa da época, pelo menos duas revistas que acolheram a sua sugestão

de editarem números totalmente voltados para o Brasil. Foram elas *The Studio* e *Life and Letters To-day*.

A primeira, lançada em outubro de 1943, se dedica em destacar a arte, a arquitetura e o artesanato brasileiros. O arquiteto Paulo Boavista assina o artigo “Modern Architecture”, em que salienta a contribuição brasileira para a arquitetura moderna: a capacidade de adaptar as técnicas e os materiais à sua realidade. Esse número é considerado de grande importância em decorrência do ineditismo do feito alcançado, pois foi a primeira vez que uma revista inglesa celebrou a arquitetura brasileira (CAPELLO, 2011).

Já a segunda revista com uma edição totalmente dedicada à literatura brasileira, que vinha sendo produzida naquele momento, representou uma ação de divulgação tanto do Brasil quanto do próprio Paschoal enquanto romancista. Publicada em junho de 1943, a revista trouxe artigos do Embaixador Muniz de Aragão, Tristão de Ataíde; poemas de Cecília Meirelles, Jorge Lima, Carlos Drummond de Andrade, Andrade Mendes, Menotti del Picchia, Raul Leoni, Ismael Neri; contos de Marques Rebelo, Monteiro Lobato, Ribeiro Couto, José de Alencar; e um trecho do romance de PCM: *Sun over the palms*.²¹

A maioria dos intelectuais apresentados já havia colaborado em publicações promovidas pelo Estado Novo, como o periódico *Cultura Política*. Desse modo, fica evidente a instrumentalização de tais revistas especializadas como um potente veiculador do ideário estético e cultural promovido pela figura do diplomata-intelectual a serviço do projeto ideológico promovido pelo regime de Vargas.

O artigo assinado por Guy Bettany e publicado em diversos periódicos no Brasil, o que nos indica ter sido o seu conteúdo aprovado pelo DIP para uma ampla distribuição em território nacional, transcreve trecho do prefácio de autoria do editor da revista, Robert Herling:

²¹ A *Noite*. São Paulo, 4/6/1943. Recortes de Jornal. Série Escritor. Subsérie Romancista. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

O Brasil é mais novo do que seus vizinhos, no sentido que os portugueses não descobriram uma civilização antiga. Este aspecto de novidade é refletido na literatura, porquanto, como sempre, acontece com as nações em formação [...] Nenhum dos mais jovens escritores brasileiros pode ser chamado revolucionário no estrito sentido que significa o homem que desaprova, que não concorda com alguém. Eles consideram seu dever desenvolver o próprio talento como encorajamento para todos, no sentido daquilo que é melhor neles mesmo e do homem. É isso o que é novo para ser apresentado ao público britânico.²²

Ao valorizar a tradição portuguesa, a publicação se mostra alinhada com o mote de legitimação empregado pelo regime varguista de distinção em relação ao período que o antecederia, a Primeira República. O novo Brasil, apresentado pela *Life and Letters To-day*, abria as portas para um futuro promissor de revolução – entendida aqui como desenvolvimento, e não como ruptura. Representada por seus literatos, a nação se apresentava por intermédio de sua vocação para o novo, já que, diferente de seus países vizinhos (América Latina), não seria tributário de nenhuma civilização “antiga”. Coube ao conquistador português iniciar uma nova, e, assim o Estado Novo e seu mentor, Getúlio Vargas, repetiam a mesma saga. Tal pensamento está intimamente relacionado com as ideias de Gilberto Freyre. Considerado um dos principais ideólogos do Estado Novo, segundo o qual a tradição portuguesa fazia parte da formação social do Brasil enquanto uma nova civilização, o intelectual também colaborou para instrumentalizar a propaganda do regime no exterior (SUPPO, 2003).

E o artigo finaliza sua apreciação sobre o número especial da publicação: “Nestes dias de ampla propaganda, é útil notar que essa coleção interessante de artigos, histórias e poemas brasileiros se tornou possível pela excelência das próprias contribuições e que nenhuma ‘ajuda’ estranha foi recebida”²³. Apesar da clara incorporação de ideário estadonovista, a ação pretendia se diferenciar daquilo que era entendido como propaganda, tal qual praticada pelos regimes nazi-facistas, ou seja, de caráter oficial, prática alvo de muitas críticas por parte do Ocidente. No entanto, havia

²² *Correio Paulistano*. São Paulo, 27/6/1943. Recortes de Jornal. Série Escritor. Subsérie Romancista. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

²³ Idem.

uma clara intenção de propaganda brasileira nesta revista, ainda que o desejo de cooperação intelectual também fosse legítimo.

A correspondência de Paschoal com o Major Amílcar Dutra de Menezes, embora datada de 26 de setembro de 1944, isto é, mais de um ano após o lançamento do número especial dedicado à literatura brasileira em *Life and Letters*, nos permite entrever uma dinâmica muito clara de fornecimento de material oficial por parte do DIP para as embaixadas e consulados. Nela, o escritor e diplomata solicita o envio de filmes, discos de “música séria e de música popular”, fotografias, livros e partituras. E também registra que jornais e revistas constantemente solicitavam fotografias ao corpo diplomático brasileiro para produção de seus conteúdos, o que nem sempre era atendido por falta de materiais²⁴. Logo, é muito provável que as publicações aqui mencionadas tenham sido elaboradas a partir de conteúdo aprovado e liberado pelo crivo do DIP.

Em setembro de 1943, o livro de Paschoal Carlos Magno, *Sun over the palms*, foi publicado pela Editora Constable. Sua conquista – primeiro brasileiro a ser publicado na Inglaterra, em tempos de racionamento de papel, em virtude da guerra – mereceu espaço na imprensa no Brasil, que dedicou-lhe algumas reportagens. Escrito diretamente em inglês – o que foi considerado outro grande feito por seus contemporâneos – o romance com pinceladas autobiográficas é ambientado nas ladeiras de Santa Teresa, bairro central do Rio de Janeiro e traz uma cena idílica onde o território e seus habitantes são apresentados ao leitor britânico.

²⁴ Cópia de carta de Paschoal Carlos Magno para Major Amílcar Dutra de Menezes, diretor do DIP. Rio de Janeiro, 26/9/1944. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Fotografia 8: Detalhe da entrevista de Paschoal Carlos Magno para Lya Cavalcanti, da BBC, publicada na Revista “Vamos Ler!”, de 16/9/1943.



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Satisfeito com a repercussão obtida com a publicação de seu livro, Paschoal escreveu ao chefe do governo, solicitando verba para traduzir para o inglês obras de autores brasileiros, selecionados por ele próprio. “Não sei de propaganda mais eficiente do que essa, através de obras de ficção, num país onde cada indivíduo lê assiduamente, com possibilidade desses romances serem transplantados para o cinema”²⁵. Ele sugere algumas estratégias, como convite a escritores britânicos de renome para uma visita ao país e a concessão de bolsas para estudantes ingleses.

Aproveita para requerer uma melhor estrutura para desempenhar seu trabalho de difusão cultural:

Vossa Excelência generosamente se referiu ao meu trabalho, o que muito e sinceramente agradeço. Mas gostaria no meu retorno a Londres estar perfeitamente aparelhado para servir à propaganda de nosso país. O povo inglês detesta propaganda oficial. Olha-a com suspeição. Aceita-a de maneira

²⁵ Cópia de carta de Paschoal Carlos Magno para Getúlio Vargas. Porto Alegre, 26/9/1944. Série Diplomata. Subsérie Geral. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

indireta, como a que tenho feito até agora, devidamente prestigiado pelo meu Embaixador. Mas para ser mais eficiente desejava ter, ajudando-me, uma secretária e mais dois ou três funcionários, perfeitamente habilitados em inglês e francês.²⁶

Consideramos esse trecho de fundamental importância para a compreensão da atuação de Paschoal Carlos Magno enquanto um importante elemento de diplomacia cultural no Reino Unido nesse período, quando as posições no tabuleiro da ordem mundial se encontravam em redefinição. Há, claramente, o propósito de realizar propaganda oficial do Brasil. Ou seja, essa é a forma como suas iniciativas de caráter cultural devem ser entendidas, pois era como o próprio Paschoal as concebia e executava. Palestras em universidades, no rádio, revistas especiais, obras literárias, eventos eram organizados para realizar uma propaganda palatável ao público britânico, que já havia compreendido os mecanismos da expansão da Alemanha nazista.

Por outro lado, o que ainda não ficou claro e carece de um maior investimento é o quanto de sistematização havia por parte do Estado brasileiro em solo britânico e o quanto de voluntarismo partiu de Paschoal. No encontro de seus ideais e os dos regime para o qual trabalhava, muitos de seus projetos pessoais puderam ser concretizados. Em 1945, mais uma obra sua foi publicada pela Constable. Dessa vez, uma peça teatral, intitulada *Tomorrow will be diferent*.

Na verdade, já circulavam notas na imprensa brasileira a respeito do texto e a possibilidade de montagem por companhias inglesas desde 1943. Em 27 de outubro daquele ano, o jornal *A noite*, de São Paulo, noticiou que o primeiro ato seria publicado no número de outubro do periódico literário *Life anda Letters To-day* e que seria representada brevemente na capital inglesa²⁷. No ano seguinte, declarações do dramaturgo a respeito do enredo, concedidas a um correspondente da agência Reuters, foram divulgadas em diversos periódicos no Brasil:

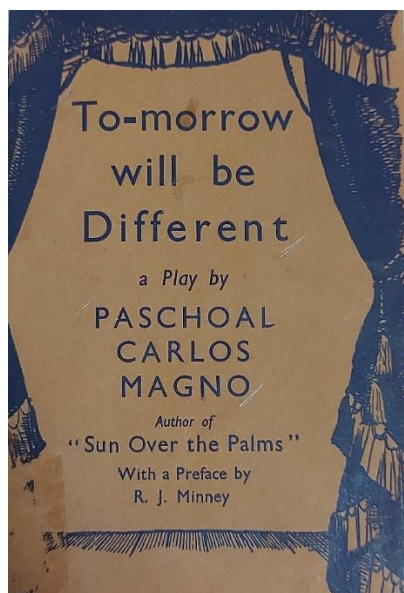
²⁶ Idem.

²⁷ *A Noite*. São Paulo, 27/10/1943. s.p. Recortes de Jornal. Série Escritor. Subsérie Dramaturgo. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

Trata-se de uma das seis obras dramáticas que escrevi durante os últimos dez anos e o argumento se refere exclusivamente a problemas peculiares ao Brasil. Mas não é uma obra de caráter regional. Bem ao contrário espero que ofereça atração a públicos de qualquer país, uma vez que a caracteriza uma compreensão perfeitamente humana. Quer alcance minha obra um êxito comercial, quer não, estou certo que ajudará a milhares de pessoas a compreender melhor o povo brasileiro, que é, talvez o único no mundo inteiramente isento de preconceitos raciais. Pode ser que a peça apresente aos homens de todas as raças o exemplo brasileiro de um homem novo e de um mundo novo também.²⁸

A tônica racial presente no texto de PCM como um elemento de exaltação da identidade nacional brasileira representou uma exceção perante os intelectuais e diplomatas daquele momento, mais empenhados com a construção de uma imagem embranquecida do Brasil para o exterior, segundo um modelo eurocêntrico de civilização (FERREIRA, 2006). Já Paschoal, certamente influenciado pela obra de Gilberto Freyre, utilizou a miscigenação como a grande contribuição do país para o novo mundo que se configurava no esteio da Segunda Guerra, desencadeada, dentre outros fatores, pelo sentimento de superioridade racial.

Fotografia 9: Capa de *Tomorrow will be different*. 1945.



Fonte: Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

²⁸ O *Globo*. Rio de Janeiro, 22/6/1944. s.p. Recortes de Jornal. Série Escritor. Subsérie Dramaturgo. Acervo Paschoal Carlos Magno. Cedoc/Funarte.

O próprio sociólogo pernambucano registrou que suas ideias não encontravam muita ressonância no Itamaraty, apesar de seu esforço em elaborar uma determinada “imagem da cultura brasileira que permitisse uma influência cultural do Brasil no mundo, como polo de atração, para posterior instrumentalização pela diplomacia cultural” (SUPPO, 2003, 54). Ainda que o ideário de Freyre não constituísse uma unanimidade no MRE, elas amalgamaram as aspirações do diplomata escritor e foram fundamentais para a concretização de mais um produto de divulgação, ou mesmo de propaganda brasileira, de grande repercussão na Inglaterra. Além de sua publicação, *Tomorrow will be different* foi encenada em Londres, em 1945.

Paschoal permaneceu em Londres até julho de 1946. Durante sua missão diplomática, ele delineou uma agenda de propaganda brasileira mediante a implementação de múltiplas estratégias. Após algumas iniciativas iniciais, como as palestras em universidades e associações, desbravou o campo editorial. Sua percepção a respeito de uma maior disseminação do hábito da leitura naquele país foi responsável por nortear suas últimas ações, através da cooperação com periódicos especializados (literatura, arte, geografia) e editoras. O Brasil foi, dessa forma, desbravado ao longo das várias páginas publicadas ao seu respeito, em obras ficcionais ou estudos acadêmicos. Um país jovem que devia orientar o velho mundo nos assuntos de tolerância racial e de superação das dificuldades, mesmo que tais tópicos, internamente, ainda não estivessem tão bem resolvidos assim. Concomitantemente, Paschoal Carlos Magno se consolidava como um grande intelectual, com obras publicadas internacionalmente.

Considerações finais

Este artigo pretendeu, sobretudo, divulgar o arquivo pessoal de Paschoal Carlos Magno e seu grande potencial para explorar aspectos ainda muito pouco abordados na historiografia brasileira dedicada ao período de 1930 a 1945. Tanto no que diz respeito

à atuação diplomática de seu titular e seu papel singular para divulgação da cultura brasileira, quanto para o papel desempenhado pelo Estado nas definições da política externa brasileira. Decerto que se impõe uma articulação com demais fontes, presentes tanto em acervos institucionais (como do próprio Itamaraty) quanto privados (o arquivo de Getúlio Vargas, por exemplo) para aprofundar o entendimento acerca da questão, que, por ora, foi apresentada de forma exploratória.

Ainda assim, nos foi possível chegar a algumas conclusões iniciais. A primeira delas é que o ingresso de Paschoal na carreira diplomática se deu em um contexto de reorganização do MRE, possibilitando o acesso de novos perfis aos seus quadros, e de redirecionamento das ações de propaganda cultural do país no exterior. Ambas as mudanças foram capitaneadas pela ascensão de Vargas e aprofundadas após a instauração do Estado Novo, regime que perdurou até 1945.

Seu capital intelectual o credenciou, ainda que muito jovem, para desempenhar tais atividades, demonstrando seu alinhamento com os ideais propalados pelo governo estado-novista, em especial com o pensamento sociológico de Gilberto Freyre. Se, em um primeiro momento, o diplomata investiu sobretudo em palestras e excursões pela Grã-Bretanha para divulgação do Brasil, a cooperação com revistas especializadas e a publicação de livros com a sociedade brasileira – sob a ótica de Paschoal – como pano de fundo se consolidaram como a principal estratégia de propaganda brasileira empreendida em solo britânico. Especialmente após a demanda gerada pela curiosidade dos ingleses a respeito dos principais aspectos sociais, culturais e econômicos do nosso país, em decorrência da sua adesão aos Aliados, em 1942.

Após ser removido de Londres, em 1946, Paschoal Carlos Magno assumiu outros postos no Ministério das Relações Exteriores: cumpriu estágio na Secretaria de Estado do Itamaraty, foi designado para o consulado de Atenas, na Grécia, entre 1950 e 1951, e no consulado em Milão, na Itália, entre 1955 e 1956. Foi vereador no Rio de Janeiro de 1951 a 1955 e oficial do Gabinete de Juscelino Kubistchek de 1956 a 1961. Foi

nomeado secretário-geral do Conselho Nacional de Cultura, em 1962, por João Goulart, onde ficou até 1964.

No campo teatral, atuou como dramaturgo, como crítico teatral, principalmente no *Correio da Manhã*, além de ocupar um lugar de grande importância para a modernização do teatro brasileiro, segundo a recente historiografia do teatro (Fontana, 2016). Seu último grande projeto, a Aldeia de Arcozelo, inaugurada em 1965 e idealizada como um espaço de estudos e imersão cultural, encontra-se hoje, literalmente, desmoronando. Apesar do valor histórico e arqueológico do espaço, que ocupa uma antiga fazenda cafeeira do século XVIII, em Pati do Alferes, Rio de Janeiro.

Por essa razão, além de trazer um aspecto pouco abordado pelos estudos de diplomacia cultural, este trabalho também intenta lançar luz para um importante personagem da nossa história recente e praticamente esquecido, o que de maneira nenhuma condiz com a sua intensa e laboriosa trajetória em prol da cultura brasileira.

Referências

CAPELLO, Maria Beatriz C. 9 Seminário Docomomo Brasil. *Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira nos números especiais das revistas especializadas europeias (1940-1960)*. 2011. Disponível em https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/000_M20-RecepcaoEDifusaoDaArquitetura-ART_maria_beatriz_cappello.pdf

CHEIBUB, Zairo B. Diplomacia e construção institucional: o Itamaraty em uma perspectiva histórica. *Dados*, v. 28, n. 1, p. 113-131, 1985.

DUMONT, Juliette; FLECHET, Anaïs. "Pelo que é nosso!": a diplomacia cultural brasileira no século XX. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 203-221, June 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882014000100010&lng=en&nrm=iso>

FERREIRA, Roberta Maria Lima. *A política brasileira de expansão cultural no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) - UERJ. Rio de Janeiro, 2006.

FONTANA, Fabiana Siqueira. *O Teatro do Estudante do Brasil de Paschoal Carlos Magno*. Rio de Janeiro, Funarte, 2016.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SUPPO, Hugo Rogelio. Gilberto Freyre e a imagem do Brasil no mundo. *Cena internacional*, ano 5, n.2, p.43, 2003.

_____. O papel da dimensão cultural nos principais paradigmas das relações internacionais. In: LESSA, Mônica Leite; SUPPO, Hugo Rogélio (Org.) *A Quarta Dimensão das Relações Internacionais: a dimensão cultural*. Rio de Janeiro, Contra Capa; Faperj, 2012.

SIRINELLI, Jean François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª.ed., Rio de Janeiro: FGV, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Velloso; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Submetido em 10.05.2021 – Aceito em 15.06.2021